

**REFLEXÕES SOBRE O GESTO COLETIVO: UM PARALELO ENTRE O GRUPO  
NOIGANDRES E OS COLETIVOS CONTEMPORÂNEOS**

Por Marina Mendes (PUC – Rio)

Orientador: Paulo Henriques Britto (PUC – Rio)

Coorientador: Miguel Jost (PUC – Rio)

**Resumo**

O objetivo desta trabalho é refletir sobre o gesto coletivo. Esboçar um paralelo entre os discursos e práticas do Noigandres, grupo de poesia concreta dos Anos 50, e os que se autointitulam ‘coletivos’ – objeto de minha pesquisa de mestrado. Encaro o desenhar desta linha como um exercício. Através dele, evito cair na armadilha de adotar um ar de ineditismo exacerbado em relação aos grupos contemporâneos – bem como ressaltar o que lhes é mais proprietário. Apesar de ser recente a adoção e disseminação do termo, o gesto de criar e se posicionar coletivamente não é um fenômeno exclusivo do contemporâneo. Além do Concretismo, vanguardas artísticas como Modernismo ou mesmo o Tropicalismo poderiam ser consideradas antecedentes neste modo de articular-se. Mas como colocado por Claudia Paim em sua tese *Coletivos e Iniciativas Coletivas*, “para falar de ação conjunta se poderia retroceder a práticas sociais coletivas desde a Grécia Antiga encontradas em descrições de Aristóteles sobre a arte de *con-filosofar*, filosofar em conjunto.” (PAIM, 2009, p.16).

Traçar uma historiografia não está entre as aspirações deste texto ou mesmo na pesquisa que desenvolvo. Meu interesse é pontuar aspectos que atravessam o tema da pesquisa, tais quais: o coletivo como *modus operandi*; como gesto político e como significante. Pouco falarei, portanto, da poesia concreta em si, ou da arte desenvolvida atualmente. Tampouco pretendo produzir crítica sobre o conjunto das obras. O foco seguirá sobre discursos, práticas e engajamentos com o contexto.

Para dialogar com as ideias contidas nos manifestos concretistas, assim como em entrevistas realizadas com Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari discriminadas ao longo da argumentação, mobilizarei ideias e teorias de Félix Guattari, Georges Didi-Huberman, Ericson Pires e Fernand Deligny.

**Palavras-chave:** Coletivos. Poesia concreta. Noigandres. Contemporaneidade. Política.

*“Três poetas do bairro das Perdizes, aos quais se juntaram uns poucos companheiros, sem nenhuma outra força que a da sua vontade, e sem apoio a não ser o individual para a divulgação de seus poemas, conseguiram aterrorizar a poesia brasileira.”*

*(Décio Pignatari, 1975)*

### ***Modus Operandi coletivo na poesia concreta***

No prefácio da segunda edição do livro Teoria da Poesia Concreta, em abril de 1975, Augusto de Campos menciona que Fernando Pessoa fantasiou um ‘movimento’ que teria nascido da sua amizade com Sá Carneiro – o Sensacionalismo. “Acho que só para ter com quem conversar”, escreveu Campos (CAMPOS, 1975, p. 2). Foi também a fim de conversar, trocar ideias e referências, que o próprio Augusto, e seu irmão Haroldo de Campos começaram a conviver de forma mais cotidiana com Décio Pignatari em meados da década de 40. Os jovens estudantes de 20 e poucos anos se reuniam para discutir os rumos da literatura e das artes em geral. Antes de resolverem se posicionar coletivamente em um grupo próprio, participaram por um breve período do Clube da Poesia – formado por integrantes da chamada Geração de 45. Publicaram, inclusive, alguns de seus primeiros poemas na Revista Brasileira de Poesia, do Clube.

Depois, como se sabe, vieram a refutar os valores estéticos sustentados ali, o rigor formal, o verso mais sério e tradicional. Enxergavam um descompasso entre a produção poética gerada e a vida. Em 1952, os três formaram o grupo chamado Noigandres<sup>1</sup>, coração do movimento da poesia concreta. Resgataram valores e influências modernistas, fizeram contato com Oswald de Andrade, buscaram referências internacionais e assim foram concebendo a nova estética verbivocovisual. O grupo abraçou também, num segundo momento, outros poetas como Ronaldo Azeredo e José Lino Grünewald, além de gerar trocas com artistas de outras áreas. Juntos, e com muito esforço, publicavam a revista-livro também chamada Noigandres que colocava ideias e autores em circulação. Foi através dela que divulgaram os manifestos concretistas e grande parte das poesias concretas emblemáticas que se propuseram a pensar a evolução crítica das formas.

---

<sup>1</sup> A palavra Noigandres seria uma expressão provençal de sentido incerto, algo como “antídoto contra o

Dentre as crenças do Noigandres, a de que o poeta não deveria se isolar em uma torre de marfim; a poesia havia de estar em sintonia com a vida que corria nas cidades. Em 1926, ao escrever sobre Mallarmé – uma das grandes influências para a poesia concreta - Walter Benjamin afirmou que “a escrita, que tinha encontrado asilo no livro impresso (...) viu-se inexoravelmente lançada à rua, arrastada pelos reclames submetida à brutal heteronomia do caos econômico.” (BENJAMIN, 1991, p. 193). Assim, em meio à vibração das ruas, disse Benjamin, os poetas renovariam “sua autoridade na vida dos povos”. Em pleno desenvolvimentismo dos Anos 50, os concretistas queriam localizar-se no espaço urbano industrial para estar em contato com as mudanças no espaço, no tempo, nas relações. Usaram da sensibilidade para captar o espírito da época e, através das experimentações poéticas que bem conhecemos, discutiram questões culturais, sociais, filosóficas, além das estéticas. Não só responderam às mudanças do entorno, mas também incorporaram as transformações da sensibilidade e recepção do leitor ao trabalho de criação.

Em 1996, Haroldo de Campos foi questionado no programa Roda Viva se o Movimento Concretista havia sido sectário. Como resposta, sublinhou a importância do coletivismo na fase de militância “para a luta em defesa de determinadas ideias de renovação”. Afirmou que, sim, foi um movimento sectário no momento inicial. “Naquela altura havia um espírito de grupo muito forte, a gente fazia proselitismo, estava realmente arregimentado. Havia embates, polêmicas, defecções.” A fase mais coletiva entre eles, assim como nas demais vanguardas, segundo Haroldo, era também o momento mais ideológico. Tratava-se, dizia, de uma postura política: “Nós fazíamos uma poesia pensando numa linguagem geral para um país mais justo.”

O espírito coletivo, além de conferir um ar de militância para as ideias, favorecia também uma unidade estética. A preponderância da visão de grupo foi outro traço típico do movimento. Para atingir uma linguagem comum, houve alguma redução da personalidade individual de cada um dos poetas. Segundo Haroldo, “se desejava chegar quase a uma desapareção elocutória do eu, poema anônimo total – o que estaria caracterizado no número 4 da Noigandres nos poemas minimalistas.” Ao comentar as críticas que receberam à época – inclusive as maldosas que os apelidavam de ‘trigêmeos vocalistas’ – completou ainda que havia, sim, solidariedade, mas não homogeneidade entre eles, cujos interesses eram bastante distintos. Augusto de Campos, ainda no prefácio mencionado acima, também comentou sobre este borrar de assinaturas,

afirmando que a poesia concreta se “tornou, afinal, tão ubíqua e palpável, que quase chegou a nos engolir individualmente sob o rótulo anonimizador: os ‘concretistas’.”

### **Os traços coletivos na contemporaneidade**

A assinatura conjunta, a horizontalidade, a busca pela unidade estética, a rede de afetos, a militância, a união viabilizadora de projetos, a interferência na vida cotidiana, as ações que furam as narrativas vigentes. Todos estes são traços também presentes na maioria dos coletivos contemporâneos. Mas ressalto que pesquisar e escrever sobre eles me exigiu imediatamente um exercício constante: lidar com o dinamismo com o qual se multiplicam e sofrem transformações. A cada semana surgem novas finalidades, formatos e *modus operandi* sob a égide do mesmo termo. Para todos os efeitos, mesmo que a generalização seja delicada, podemos assumir que coletivos são, essencialmente, grupos de pessoas que escolhem atuar e criar de forma conjunta não hierárquica, compartilhando decisões, somando esforços e recursos.

Mais de 50 anos após o Movimento da Poesia Concreta, estes grupos buscam a vivência coletiva para, segundo Ericson Pires, em *Cidade Ocupada*, “produzir pensamento como a experimentação do outro, como busca do outro, da realização do outro que eu – também – sou.” (PIRES, 2007, p.11). São coletivos de arte, de teatro, de poesia, de produção cultural, de ocupação e tantos outros que estão investidos em tentativas de desconstrução ou, ao menos, de deslocamento de algumas das narrativas e signos estabelecidos.

Trabalho em cima da hipótese de que esse desejo latente de se estar junto, existir e trocar dentro de um grupo, funciona como resposta a inquietações relacionadas ao *zeitgeist* – o espírito do tempo, desta época. Com o agravamento da crise de representatividade e a progressiva sensação de descrença e impotência do indivíduo, a formação destas redes aparece hoje quase como uma necessidade. Em *Aracniano*, Fernand Deligny pontua a relação entre esse ápice da proliferação de redes e os acontecimentos históricos que descreve como “intoleráveis”. (DELIGNY, 2015, p. 15). Numa rede, principalmente através dos laços e afetos que se estabelecem, existe uma espécie de magnetismo que forma um campo de força<sup>2</sup>. Essa energia acaba por marcar

---

<sup>2</sup> Expressão do professor e pesquisador Frederico Coelho, da PUC-Rio.

uma noção de dentro e fora, e gera, conseqüentemente, sensação de pertencimento, engajamento. Sinto pulsar forte o desejo da realização no gesto coletivo hoje – mesmo num âmbito anterior à racionalização, antes da definição de pautas e ações, quando o agrupamento flui ainda quase de forma inata.

Juntam-se para afirmar o encontro, fazer roçar conceitos e friccionar linguagens. Forjam estéticas para interferir na lógica política e na organização urbana. Para além do exercício de empatia entre diferentes, está a invenção desses espaços de discussão e produção de discursos alternativos àquele que é dominado pelo capital. Por isso, são resistência. São essencialmente políticos. Vejo o gesto/prática do coletivo como um objeto de estudo de imensa relevância pelas sensibilidades, emoções e laços que são forjados a partir destas vivências. Segundo Félix Guattari “é isto a revolução molecular: não é uma palavra de ordem, um programa, é algo que eu sinto, algo que eu vivo, em encontros, instituições, nos afetos, e também através de algumas reflexões.” (GUATTARI, 2014, p.9). Ou seja, o aumento do número de coletivos refletiria uma busca por identificação, por vínculos e viabilizações de visões e projetos que produzam o comum. Uma reação ao processo progressivo de isolamento e desconexão na sociedade. Também uma forma de lidar com o mundo pós utópico.

Com o fim das grandes narrativas, com a vida mais fragmentada e com a crescente reivindicação do lugar de fala, a ideia de movimento, assim acredito, passou a fazer menos sentido. Por isso é menos ou não é mais utilizada. Não cabe mais falar de um único ou de poucos e grandes movimentos, pois não há mais espaço para protagonismos absolutos no contemporâneo. Vivemos a justaposição, a simultaneidade. Por isso é importante voltar o olhar para a força daquilo que acontece no micro e se entrelaça dentro de um cenário macro.

Retomando o passeio bem pontual que fiz pela trajetória Concretista do início da fala, resalto a influência da semântica nos conceitos e nos agires das distintas épocas. Observo como a palavra “clube”, ainda que também se remeta a uma agremiação de pessoas com objetivos e interesses comuns, sugere algo mais hermético, fechado, tradicional. O clube pressupõe não só os muros da propriedade privada, quando pensamos no físico, mas também a exclusividade, e arrisco até a dizer o elitismo – levando em consideração códigos como carteirinhas e brasões. Estava de acordo com uma geração que prezava pelo rigor esteticista de timbre mais classicizante. Ao renegar

o “clube”, lançam um “movimento” – retomando também assim o espírito do Modernismo de 22. Este termo, “movimento”, acompanhava melhor o dinamismo da época e das grandes cidades, com os bondes recém instalados, a maior agilidade das comunicações e o novo ritmo na linguagem publicitária. Movimento que se vivia, dizia e fazia. Era forma e conteúdo – como no poema *Velocidade* de Ronaldo Azeredo. Expressava a premissa de ação e mobilização. Movimentar é sair do lugar, desacomodar, caminhar, evoluir. Virar a página.

Na mesma toada, podemos nos debruçar sobre o significante *coletivo* – este que tem sido amplamente adotado como guarda-chuva por se referir a tão diversos tipos de agremiações. Tem, de fato, caráter abrangente, ressoante, pregnante. O coletivo “pertence a várias pessoas” – conforme verbete do dicionário –, é carregado de energia plural. Faz referência àquilo que é contrário ao singular, à identidade isolada. Coletivo é deixar de ser um, para ser vários; ser multidão, mas não massa. Uma palavra que aceita e cria um campo de força, de união. Tem dentro de si a cola. A partícula “co” da coautoria, da coassinatura, da convivência.

É justamente pelo poder de sedução deste significante, pelo seu apelo conceitual, que este discurso vem ganhando bastante aderência. Com similar rapidez, tem sido apropriado pelo mercado. Prova disso é a existência do Coletivo Coca-Cola. Na dança da cooptação, em que o mercado e o Estado geralmente tocam a música, multiplicam-se também as críticas aos coletivos e os questionamentos às suas intenções, produções e modos de ser. A circulação dos coletivos nos meios institucionais é um tema complexo. De um lado, o risco da descaracterização, e do outro, as possíveis benesses de se apropriar dos aparelhos do poder a seu favor. Certamente, não cabe aqui aprofundar ou dialogar diretamente com as críticas, mas basta dizer que, de fato, a palavra coletivo hoje está pulverizada. Já existe um desvio conceitual em relação aos Anos 2000, época do surgimento do termo. “A palavra permanece a mesma e a coisa evocada já não é a mesma coisa,” como diz Deligny.

## **Conclusão**

Independente de críticas, capturas e desvios, numa época infinitamente mais heterogênea que o contexto das vanguardas, os coletivos surgiram para promover

experimentações do outro. São mais democráticos, acessíveis e, por isso, são tantos e tão diferentes. Não desejam exercer uma “autoridade” na vida das pessoas, para retomar a frase de Benjamin. Também não possuem um ideal estético consolidado em manifesto. Muitas vezes, inclusive, nem mesmo têm pautas bem definidas – o que acaba fomentando os questionamentos entre os mais objetivos sobre suas supostas finalidades ou efeitos. É inegável que carregam no DNA, porém, a energia de grupo, o espírito viabilizador e os ares de ativismo tais quais o Movimento da Poesia Concreta. Compartilham o desejo latente da realização do novo, que provavelmente não mais surgirá como uma grande onda, mas sim como conjuntos de novidades que cintilam – para fazer referência aos vagalumes de Didi-Huberman.

Quando decidi pesquisar sobre a potência contida na semântica e na prática dos coletivos, não tinha como prever os acontecimentos que decorreriam este ano. À época, me intrigava a proliferação destes agrupamentos rizomáticos por se basearem na troca. Por renegarem a ideia de liderança e assinatura individual – principalmente em meio a uma sociedade que propaga valores e hábitos individualistas de movimento subjetivo e sistemático. Porém, ao longo deste último ano, entre o processo turbulento e ilegítimo de impeachment presidencial e a decretação de falência do estado do Rio de Janeiro, me parece que ser coletivo, criar junto, ganha conotações de resistência cada vez mais contundentes. Num tempo em que a produção de arte e cultura sofre investidas que miram seu enfraquecimento e desarticulação – e até mesmo voltam a sofrer perseguição política – a união de esforços, a criação de circuitos e o preenchimento dos espaços é, mais do que nunca, política de enfrentamento. Vejo no gesto coletivo a potência da transgressão. Um vestígio importante para entender como podemos conceber estes novos espaços de invenção, linhas de fuga e caminhos alternativos para produção do subjetivo. Um tema que deve continuar sendo prestigiado e discutido.

## Referências

BENJAMIN, W. Uma profecia de Walter Benjamin. In: CAMPOS, A. de; CAMPOS, H. de; PIGNATARI, D. *Mallarmé*. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

CAMPOS, A. de; CAMPOS, H. de; PIGNATARI, D. *Teoria da Poesia Concreta: Textos Críticos e Manifestos*. 2 ed. São Paulo: Ed. Livraria Duas Cidades, 1975.

DIDI-HUBERMAN, George. *Sobrevivência dos Vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GUATTARI, F., ROLNIK, S. *Cartografias do Desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PAIM, C. *Coletivos e iniciativas coletivas: modos de fazer na América Latina contemporânea*. 2009. 294f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. 2009.

PIRES, E. *Cidade Ocupada, Rio de Janeiro*: Aeroplano, 2007.

SANTOS, R. C. dos. *Cérebro Ocidente / Cérebro Brasil. Arte – vida – pensamento – clínica*. Rio de Janeiro: Editora Circuito: Faperj, 2015.